O MÉTODO HISTÓRICO CRÍTICO: Considerações acerca do concreto pensado.

Margareth Padinha das Chagas¹

Resumo: O presente artigo objetiva fazer algumas considerações acerca do método histórico crítico, ressaltando a importância deste no processo de construção do concreto pensado, e sua intrínseca relação com a categoria ser social. O estudo é resultado de pesquisa bibliográfica de algumas obras de Karl Marx, George Lukács, Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto, e de uma aula transcrita de Octavio Ianni. Considera-se a grande relevância da teoria crítica no trato metodológico do estudo da realidade e desvelamento das contradições próprias do modo-de- produção capitalista e sua utilização no serviço social.

Palavras-chave: Dialética; Determinações; Concreto Pensado; Práxis; Ser Social.

Abstract: This article aims to make some considerations about the critical historical method, emphasizing the importance of this thought in the concrete construction process, and its intrinsic relationship with the category being social. The study is the result of bibliographic research of some works of Karl Marx, George Lukacs, Carlos Nelson Coutinho and José Paulo Netto, and a class of Octavio Ianni. It is considered the great importance of critical theory in the methodological treatment of the study of reality and unveiling the contradictions of the mode-of capitalist production and its use in social service.

Keywords: Dialectic; Requirements; Concrete Thought; Praxis; Be Social

¹ Assistente Social, Aluna Bolsita Da Capes; Curso De Mestrado Em Serviço Social (Turma 2016). Programa De Pós-Graduação Em Serviço Social – ICOSA- UFPA. E-mail: margarethpadinha@yahoo.com.br

1- INTRODUÇÃO

É imprescindível iniciar este artigo fazendo um breve comentário acerca da razão moderna, haja vista, sua importância no evidenciamento e valorização da racionalidade para desmistificação, desvelamento e interpretação da realidade, tendo em vista o conhecimento enquanto constructo que se dá por meio de processos dinâmicos (NETTO, 2004).

Netto (2011) ressalta que tal exercício não é uma tarefa fácil, Karl Marx quem elaborou o método, não o evidenciou em uma única obra como uma receita a ser seguida e sim de maneira dispersa em diversas obras, enquanto método de apreensão do modo-de-produção capitalista, por meio de um estudo obstinado da história da humanidade, analisando a forma como os homens de cada tempo histórico se organizaram para produção e reprodução da vida material.

São muitas as categorias de análise que compõem o método histórico crítico: dialética; universalidade; particularidade; singularidade; totalidade; determinações ou mediações; teleologia; práxis; trabalho; ser social; alienação; ideologia, entre outras. E este trabalho não tem a pretensão de dar conta de todas; mas tentar-se-á através do diálogo com os autores estudados tecer algumas considerações acerca do concreto pensado, e a contribuição deste processo de conhecimento para vida de homens e mulheres de todos os tempos.

Este estudo traz três seções: a introdução; o desenvolvimento dividido em dois itens numerados, sendo que: o item 2 apresenta uma breve abordagem do processo de construção do conhecimento partindo da racionalidade moderna até se chegar a teoria crítica elaborada por Marx, demonstrando como o método possibilita ultrapassar a realidade aparente e se chegar a essência desta; no item 3, faz-se uma análise do ser social e sua intrínseca relação com o processo de conhecimento, ressaltando a capacidade humana de construir a realidade enquanto constrói a si mesmo (LUKÁCS, 1979).

Na terceira e última seção que constitui a conclusão do estudo, embora ainda não apresente uma discussão esgotada, considera-se a grande relevância da teoria crítica no trato metodológico do estudo da realidade e desvelamento das contradições próprias do modo-de-produção capitalista e sua articulação com o exercício profissional do serviço social, articulado as suas três dimensões: teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa. Abordando ainda que de modo muito breve, a relação sujeito/objeto.

2- A APREENSÃO DIALÉTICA DA REALIDADE: COMO CHEGAR AO CONCRETO PENSADO?

O estudo da realidade apresenta-se como um grande desafio, haja vista, a complexidade das relações sociais e do conhecimento teórico que se dá com uma vasta elaboração científica de sucessivas sínteses das teorias produzidas por grandes pensadores de diferentes tempos históricos. Segundo Netto (2004), a estrutura inclusiva da razão moderna é suportada pela objetividade e processualidade, e a reconstrução ideal dessa objetividade é um trabalho laborioso, onde não há fratura ontológica entre consciência e mundo objetivo, ou seja, entre sujeito e objeto.

Segundo Coutinho (1974), o processo de elaboração das teorias sociais evidencia sua intrínseca relação com o momento histórico vivenciado por seus autores, e a indiscutível interferência dos interesses de classes, seja para manutenção da ordem vigente, seja para o seu questionamento e refutação. Para Netto (2004) é a socialização da sociedade capitalista que traz fenômenos característicos como o desenvolvimento industrial e urbano, que por sua vez requerem saberes que permitam apreender suas dinâmicas dentro de um contexto histórico-social. Nesta discussão que diz respeito à ordem capitalista Netto evidencia:

[...] o desenvolvimento da razão moderna é congruente com a (e mesmo indispensável à) lógica da ordem burguesa enquanto promove a produção de um modo desantropomorfizador de pensar a natureza, é com ela *colidente* no que tange às implicações de duas, pelo menos, das suas categorias nucleares: o historicismo concreto e a dialética. Ambas, no limite, conduzem à apreensão do *caráter historicamente transitório* da ordem burguesa; dessa apreensão podem resultar comportamentos sociopolíticos que põem em risco essa ordem [...] (NETTO, 2004, p.32- grifos do autor).

De acordo com Coutinho (1974) e Netto (2004), o pensamento burguês sofre uma inflexão quando a burguesia se consolida como classe; ela que antes se apropriara de todo vasto programa sociocultural da modernidade em vista da valorização da racionalidade e da capacidade do homem de conhecer a realidade; com a fértil produção do conhecimento, amparada nas três categorias chaves: humanismo, o historicismo concreto e a razão dialética; muda de direção buscando justificativas para consolidação e conservação da ordem capitalista, colocando freios a emancipação humana, e buscando formas de restringi-la.

A dialética apresenta-se como possibilidade de superação crítica da razão analítica, ultrapassando os modelos lógicos- matemáticos, por esse motivo o cuidado burguês, em condicionar a reflexão racional. Netto (2004, p.33) refere-se à “estrutura fenomênica” e a “modalidade ideal”, como travas ao pensamento crítico e reafirma a dialética como ferramenta que possibilita destravar os condicionamentos estruturais, desse modo descreve:

O primeiro tende a obscurecer a *socialização da sociedade*; o segundo tende a equalizar as relações sociais às relações manipuladoras similares a do intercâmbio sociedade/natureza. Eis por que, enfim, a fundação radical e conseqüente razão dialética exige uma elaboração que, prosseguindo com a

centralidade que lhe atribuíra o pensamento ilustrado em sua codificação crítica maior- a hegeliana -, estabeleça uma *nova ontologia*, capaz de explicitar a especificidade do ser social e apurar os procedimentos adequados para conhecê-lo, resguardando aqueles que se mostram válidos noutros domínios (do ser e do conhecimento) (NETTO, 2004, p. 33- grifo do autor).

Assim, Netto afirma que a estrutura fenomênica obscurece a socialização da sociedade e a modalidade ideal tende a equalizar as relações sociais. Nesse ponto, refere-se a razão analítica e a regulação da ação proposta por Weber, como superadas pela dialética. Que segundo o autor citado refere além da racionalidade objetiva inerente ao processo da realidade, *um sistema categorial capaz de reconstruir (ideal e subjetivamente) esta processualidade* (NETTO, 2004, p.27).

Na obra *Ideologia Alemã* Marx e Engels ressaltam a contribuição de Hegel, no que tange a contradição enquanto manifestação da apreensão do movimento real, dos fenômenos dinâmicos essenciais, de cada fenômeno. E também no que diz respeito à contradição que era vista como característica de falso por não ser exata. A crítica de Marx a Hegel consiste, no fato deste conceber o real como “automovimento do pensamento”, uma ilusão que se dá devido o *caráter sintético do concreto* (Marx apud Lukács, 1978, p.75), pode-se inferir que a dialética hegeliana destaca a supremacia das ideias em relação ao concreto, e na dialética materialista segundo a teoria crítica de Marx há uma intrínseca relação entre abstrato e concreto onde este é e não é ponto de partida.

Além da dialética Marx supera e incorpora o materialismo, ressaltando a história como verdadeira ciência. Lukács em sua obra *Ontologia do Ser Social* (1979), acerca desse processo de construção do conhecimento partindo do que foi produzido pelos pensadores e os questionamentos feitos por Marx, remete a contribuição de Feuerbach, enquanto dissolução da filosofia hegeliana:

Não há dúvida que a virada provocada por Feuerbach no processo de dissolução da filosofia hegeliana teve caráter ontológico; e isso porque, naquele momento, pela primeira vez na Alemanha, foram confrontados abertamente – com efeitos extensos e profundos – o idealismo e o materialismo. Até mesmo as debilidades de sua posição, reveladas em seguida, como é o caso de sua limitação à relação abstrata entre Deus e homem, contribuíram para fazer emergir nas consciências, de modo claro e enérgico, o problema ontológico (LUKÁCS, 1979, p.12).

De acordo com Lukács (1979), o materialismo alemão feuerbachiano ignora o problema ontológico do ser social, pois embora seja materialista, Feuerbach desconsidera a história de maneira articulada a esta categoria, o que leva Marx, a fazer uma crítica a ele no sentido do desenvolvimento crítico da ontologia do ser social. Marx rechaçou a separação entre natureza e sociedade. Nas *Teses contra Feuerbach* (1974, p.51), diz que este *não*

capta a própria atividade humana como atividade objetiva. Desta inter-relação homem/natureza o trabalho surge como categoria central que versa sobre a produção e reprodução da vida humana, o trabalho em sentido ontológico.

Para Netto (2011) Marx parte de um conhecimento já acumulado:

Avançando criticamente a partir do conhecimento acumulado, Marx empreendeu a análise da sociedade burguesa, como objetivo de descobrir a sua estrutura e sua dinâmica. Esta análise, iniciada na segunda metade dos anos 1840, configura um longo processo de elaboração teórica, no curso do qual Marx foi progressivamente determinando o método adequado para o conhecimento veraz, verdadeiro, da realidade social (Mandel, 1968). Isto quer dizer, simplesmente, que o método de Marx não resulta de descobertas abruptas ou de intuições geniais – ao contrário, resulta de uma demorada investigação [...]. (NETTO, 2011, p.19)

Deste modo, Marx nega (problematiza), supera e incorpora as categorias trabalhadas por Hegel e Feuerbach, na construção da teoria crítica por meio de um método de análise do modo-de-produção capitalista, que se mostrará revolucionário, por buscar os nexos ou mediações pelas quais a realidade se constrói ou é construída; por meio das relações sociais, ou seja, da práxis dos sujeitos.

Acerca de Marx e da dialética idealista, Lukács na obra *Introdução à uma Estética Marxista* (1978), afirma que:

No contexto destas controvérsias, a dialética de universal e particular na sociedade tem uma função de grande monta; o particular representa aqui, precisamente, a expressão lógica das categorias de mediação entre os homens singulares e a sociedade. Assim, Marx – nos *Manuscritos Econômicos Filosóficos* – diz: “Deve-se evitar, sobretudo, fixar a ‘sociedade’ como uma abstração em face do indivíduo. O indivíduo é ente social [...]” (LUKÁCS, 1978, p. 93).

Cardoso (2016, p.147) possibilita o entendimento dessa dinâmica de superação e incorporação de categorias, ao se questionar, como estas são concebidas dentro do pensamento marxiano. Partindo da obra *Miséria da Filosofia*, a autora destaca a crítica feita a Proudhon, pelo fato deste economista francês, assim como Hegel colocar as categorias como determinantes do real, portanto, pensando neste enquanto atributo do conceito. Apesar de Proudhon não negar a história, ao eternizar as categorias como *imutáveis* não possibilita a *inteligibilidade do real concreto*, exposta por Marx, para este as categorias são *abstração das relações sociais*, reais; que de acordo com Cardoso estas relações estão *saturadas de história e as categorias que as expressam são históricas* o que as leva a afirmar que *só se explicam inseridas numa totalidade histórica* (CARDOSO 2016, p. 147). Eis a inversão materialista.

É por meio do processo racional que o sujeito apreende a dialética da realidade histórica. As categorias reflexivas de análise apanham o concreto e o recriam. No entanto as escolhas de tais categorias são feitas a partir deste concreto “ainda não pensado”, mas já apropriado por meio do pensamento. Tal referência vem do próprio Marx e, é reiterada pelos autores marxistas que para descreverem esta dinâmica tão complexa da construção e da análise da realidade, dizem que o concreto é e não é ponto de partida (IANNI, 1986); ponto que o diferencia de Hegel.

Só é possível se chegar às determinações de uma dada realidade, por meio da dialética que apanha o movimento do real. Portanto, torna-se muito difícil tecer qualquer comentário sobre o método e não citar categorias que estão tão interligadas e que o constituem. E para conferir o sentido de totalidade, torna-se imprescindível citar três categorias centrais: universalidade, particularidade e singularidade. Categorias que se articulam possibilitando uma visão de totalidade da realidade. Desvelando o concreto enquanto concreto pensado.

Lukács (1978), na obra *Introdução à uma Estética Marxista*, diz acerca da autenticidade científica vinculada a história, que:

A ciência autêntica extrai da própria realidade as condições estruturais e as suas transformações históricas, e se formula leis, estas abraçam a universalidade do processo, mas de um modo tal que deste conjunto de leis pode-se sempre retornar – ainda que frequentemente através de muitas mediações- aos fatos singulares da vida. É precisamente esta a dialética concretamente realizada de universal, particular e singular (LUKÁCS, 1978, p. 88).

O autor reúne as três categorias nucleares do método crítico por meio das quais a dialética se realiza, destacando as mediações entre universalidade, particularidade e singularidade, e ressaltando que a articulação entre estas categorias, possibilita um movimento de aproximação do concreto onde a universalidade enquanto conjunto de leis gerais pode retornar aos fatos singulares, explicando-os. O que essencialmente distingue o materialismo dialético do idealismo é a processualidade histórica:

[...] Por certo, todas estas categorias tem no materialismo dialético uma fisionomia inteiramente diversa da que têm no idealismo. Não apenas porque nêles todos os conceitos e processos mentais têm seu ponto de partida na realidade objetiva independente da consciência, na natureza e na sociedade, mas também – consequentemente – pela substância lógica. A universalidade, sobretudo, não é jamais um ponto de chegada autônomo do pensamento [...] (LUKÁCS, 1970, 103).

Com todo esse arcabouço teórico que as categorias reflexivas de análise da realidade trazem, é possível inferir que o concreto pensado, ou a essência da realidade fenomênica, resulta um esforço mental de apreensão do real concreto e suas mediações. A

categoria é construída na aproximação da realidade concreta e, da inter-relação desta com a teoria, possibilitando sínteses de conhecimento cujo movimento não para.

A aproximação dialética no conhecimento da singularidade não pode ocorrer separadamente das suas múltiplas relações com a particularidade e com a universalidade. Estas já estão, em si, contidas no dado imediatamente sensível de cada singular, e a realidade e a essência deste só pode ser exatamente compreendida quando estas mediações (as relativas particularidades e universalidades) ocultas na imediatez são postas à luz [...] (LUKÁCS, 1979, p. 106).

Lukács (1979) evidencia a particularidade enquanto categoria que articula a universalidade e a singularidade, o chão específico onde elementos universais e singulares se vinculam, o particular é definido como elemento que faz a intermediação, portanto, é determinante.

O movimento do singular ao universal e vice-versa é sempre mediatizado pelo particular; ele é um membro intermediário real, tanto na realidade objetiva quanto no pensamento que a reflete de um modo aproximadamente adequado. Ele é, porém um membro intermediário com características bem específicas [...] (LUKÁCS, 1970, p. 112).

É a dialética que persegue esta articulação entre universal e singular, que se expressa no particular, estas são categorias complexas por serem mais concretas, e possibilitam ultrapassar o invólucro fenomênico e chegar à essência da realidade. Permite uma proximidade da realidade e a visualização das mediações. Netto 2011 apresenta a *questão do método* como um dos problemas centrais e polêmicos da teoria social, e de outras teorias também, não só por questões teóricas ou filosóficas, mas por questões ideopolíticas como é o caso da teoria social de Marx (p. 9 -10).

Segundo Netto (2011) a sociedade burguesa que é o objeto de pesquisa de Marx não depende do sujeito, tem existência objetiva; sendo o objetivo do pesquisador, ir além da *aparência fenomênica, imediata e empírica*; para apreender a essência (*estrutura e dinâmica do objeto*). Assim, a teoria é o movimento real do objeto transposto para o cérebro do pesquisador – *é o real reproduzido e interpretado no plano ideal* (do pensamento). (NETTO, 2011, p.21-22). Na introdução “À crítica da Economia Política” Marx, diferencia o método de análise da economia política e o método crítico e, define o concreto:

O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. No primeiro método; a representação plena volatiliza-se em determinações abstratas, no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento. (MARX, 1974, p.116/117)

A dialética enquanto categoria que permite uma leitura crítica da realidade por apanhar o movimento real e contraditório da realidade, parte desta ainda revelada de maneira aparente e caótica. Segundo o método o concreto só aparece como síntese quando é pensado. Marx diferencia método histórico crítico do método da economia política, destacando as múltiplas determinações do concreto, que só pode ser apreendido em sua essência com o uso da racionalidade, articulando as diversas categorias reflexivas e de análise que mais se aproximam do movimento real.

3- A INTRÍNSECA RELAÇÃO ENTRE O CONCRETO PENSADO E O SER SOCIAL

Na obra *Ideologia Alemã*, Marx e Engels, afirmam que o primeiro pressuposto de toda existência humana, está em ter condições de viver para poderem fazer história, ou seja, comer e beber, morar, vestir,... (MARX e ENGELS, 1989, p.194), ter condições primárias de sobrevivência, atendendo suas objetivações materiais e imateriais. Os autores ao estudarem as relações de produção no modo capitalista evidenciam, a exploração do homem pelo homem de uma forma cruel e degradante devido à exploração da força de trabalho que é vendida a fim de se ter um salário para que atenda as necessidades de reprodução da vida, ao mesmo tempo em que atendem interesses do grande capital.

Torna-se interessante para burguesia nesse sentido, que o processo de trabalho seja a alienado, haja vista que é deste que se extrai a *mais-valia* e conseqüentemente o lucro do capitalista, intensificando o fosso existente entre as classes sociais e a agudização das expressões da questão social. Isso se dá pela própria dinâmica e estrutura da formação econômica estudada. Nesse contexto, Coutinho (1974) assinala que:

Em tais condições, a práxis humana tende a se objetivar contra os próprios homens, tende a se tornar uma objetividade alienada. Marx analisou o processo ao tratar do "fetichismo da mercadoria", mas é inegável que o movimento de fetichização (de alienação) estende-se a todas as esferas da vida humana. (COUTINHO, 1979, p.23)

Coutinho traz elementos que permitem inferir que a práxis humana que possibilita a emancipação pode também favorecer o processo de exploração do homem pelo homem, levando a alienação, o não reconhecimento deste no processo de trabalho e da sua capacidade de transformação da natureza e de si. Netto (2011, p.31) evidencia a análise da *realidade histórica* e sua relação entre *o ser* e a *consciência dos homens*, como elemento que permitirá a Marx aprofundar os estudos da sociedade capitalista. Marx e Engels (1989), autores da *Ideologia Alemã* reafirmam que partem de homens reais, *homens ativos*, conscientes de sua capacidade de apreender e transformar a realidade, ou seja, *o próprio*

homem que trabalha é transformado pelo seu trabalho (LUKÁCS, 1979, P.16). Segundo Marx e Engels:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião, pelo que se queira. Eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a *produzir* os seus meios de vida, um passo condicionado pela sua organização corporal. Ao produzirem os seus meios de vida, os homens produzem indiretamente a sua vida material mesma (MARX e ENGELS, 1989, p. 187).

Marx ao criticar a ordem burguesa busca o resgate do que vincula o gênero humano, enquanto humanidade, a capacidade teleológica que apresenta a particularidade do ser social, como ser dotado de consciência que lhe permite desvelar a realidade, por meio de um processo racional e visualizar tendências de um modelo societário diferente do que está posto. Estes dois clássicos das teorias sociais questionam como se produz e se reproduz a vida material, ou seja, quais as condições de existência num modo de produção econômico, que constitui e rebate de forma tão brutal o processo de reprodução da vida material e imaterial de homens e mulheres.

Inteiramente em oposição à filosofia alemã que desce do céu para a terra, aqui se sobe da terra para o céu. Em outras palavras, não se parte do que dizem, imaginam, se representam, também não de homens ditos, pensados, imaginados, representados, para daí se chegar aos homens de carne e osso; parte-se de homens efetivamente ativos e a partir do processo efetivo de vida deles [...] (MARX e ENGELS, 1970, p. 193).

Marx traz em suas obras uma *ontologia do ser social*, específica e complexa. A categorização de ser em si e ser para si, evidencia a capacidade humana teleológica de se ver como sujeito da história, construindo a práxis social, que e o diferencia dos demais animais; que o vincula como gênero ao mesmo tempo o que lhe permite se diferenciar como classe; evidenciando elementos para sua emancipação. Segundo Lukács (1979):

As formas de objetividade do ser social se desenvolvem, à medida que surge e se explica a práxis social, partir do ser natural, tornando-se cada vez mais claramente sociais. Esse desenvolvimento, porém, é um processo dialético, que começa com um salto, com o pôr teleológico do trabalho, não podendo ter nenhuma analogia na natureza. O fato de que esse processo, na realidade, seja bastante longo, com inúmeras formas intermediárias, não anula a existência do salto ontológico. Com o ato da posição teleológica do trabalho, temos em si o ser social. O processo histórico da sua explicitação, contudo, implica a importantíssima transformação desse ser em-si num ser para-si; e, portanto, implica a superação tendencial das formas e dos conteúdos de ser meramente naturais em formas e conteúdos sociais mais puros, mais específicos (LUKÁCS, 1979, p.17).

O ser social, enquanto categoria ontológica proposta por Marx aqui apresentada por Netto representa um salto no sentido de valorização da capacidade racional do gênero

humano de apreender a realidade e segundo Lukács (1979) por meio do trabalho o homem tem a capacidade de transformar a natureza transformando si mesmo.

Para abordar a categoria ser social, faz-se necessário citar a práxis, enquanto categoria expressa à interação homem-natureza.

Assim, Lukács afirma:

[...] A proposição em - si e para - si, vale em sentido ontológico geral, ou seja, refere - se tanto à natureza quanto à sociedade. Todavia, mostraremos em seguida que a relação entre essência e fenômeno no ser social, por causa da indissolúvel ligação com a práxis, revela traços novos, novas determinações [...] (LUKÁCS, 1979, p.26).

Teleologia é a intencionalidade construindo pensamento e tendo como fim a consciência, que não está desligada da realidade. Uma consciência crítica que permite ir além do aparente. Desvela permite uma práxis transformadora. Há sem dúvida uma relação imanente entre as categorias: teleologia, práxis, ser em si e ser para si como ser social. Evidenciando como se constrói a ontologia marxiana.

Sobre a práxis em Marx, Netto (2004, p. 36) escreve:

A práxis é reconstruída por Marx como a atividade objetivo-criadora do ser social – e o trabalho é a sua forma, repita-se, ontológico-primária. É a práxis que expressa a especificidade do ser social. Seu desenvolvimento complexidade crescente é indicador do desenvolvimento e da complexidade crescente do ser social (NETTO, 2004, p. 36-37).

Em relação à categorização da práxis em Marx e Engels, Netto (2011) diz: “(...) Para ambos, O *ser social* - e a sociabilidade resultam elementarmente do *trabalho*, que constituirá o modelo de *práxis* – é um processo, movimento que se dinamiza por *contradições* impulsionam a outras *superações*. (...)”. Entendendo o mundo como um conjunto de processos, e exemplificando tal entendimento ao afirmar que as forças produtivas (meios de produção e força de trabalho) são adquiridas, são produtos de uma *atividade anterior*, por uma *forma social anterior* (p. 31-33); criando na história dos homens uma conexão.

Lukács (1979) sublinha que o método de Marx, quando se trata do ser social, *assume um papel decisivo o problema ontológico da diferença, da oposição e da conexão entre fenômeno e essência* (p.25). O ser social sujeito histórico é quem se lança sobre o objeto, a realidade fenomênica com o movimento dialético que apanha o real e o recria, por meio da abstração e análise apreende as múltiplas determinações do concreto pensado. Nesse processo de conhecimento o homem desenvolve sua capacidade racional que lhe dá condições de intervir na realidade, consciente da essência desta, da contradição que esta traz.

Marx e Engels dizem nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*: “a essência humana da natureza não existe senão para o homem social (1974, p. 9)”; quando os autores se

referem à existência humana a colocam como sinônimo de social. Os autores afirmam que a *sociedade produz o homem enquanto homem* e, é produzida por este. Sintetizando com o pensamento evidenciado nas *Teses Contra Feuerbach* “toda vida social é essencialmente prática” (MARX 1974, p. 52).

4- CONCLUSÃO

O método histórico crítico, ou, histórico dialético longe de conter um arcabouço teórico defasado, tem se afirmado com excelência, enquanto o método que possibilita fazer a atualização de uma leitura crítica da realidade, que precisa ser desvelada, vista para além do aparente, do que está dado. Portanto, tal realidade prescinde ser negada, problematizada para que se chegue a sua essência, à visualização dos nexos que as determinações ou mediações estabelecem na construção do concreto.

De acordo com Behring e Boschetti (2011, p.38-39):

As consequências dessa perspectiva para relação sujeito/objeto são as seguintes: esse é um sujeito ativo, inquieto, que indaga o objeto, procurando extrair o que se passa nele, seu movimento real. Sujeito e objeto são historicamente situados e em relação, considerando a particularidade das relações sociais como objeto, de forma que não há nenhuma perspectiva de neutralidade e a condição para uma aproximação mais profunda em relação ao movimento essencial do objeto é exatamente o reconhecimento dessa determinação das visões sociais de mundo que impregnam sujeito e objeto (p.38-39).

Segundo as autoras o método na perspectiva marxiana não se confunde com regras ou técnicas intelectivas, é uma relação entre sujeito e objeto. Embora não seja um conhecimento absoluto permite *apreender as múltiplas determinações de processos sociais historicamente situados* (p.39). Além de permitir uma leitura atualizada e crítica da realidade, apontando a todo o momento para uma prática que comporta esta criticidade em vista de um modelo societário que implica tanto na dimensão ético-política, teórico-metodológica quanto, técnico-operativo. Estas três dimensões do serviço social são vistas como constituintes de uma totalidade. (SANTOS, 2012, p. 17). A autora destaca o caráter histórico e teleológico dos meios que são instrumentos e técnicas, tendo em vista a superação da prática cotidiana burocratizada e tecnicista.

A relação teoria e prática, é polêmica e instigante, leva a pensar e discutir o trabalho, apontando para necessidade de qualificação, para maior entendimento do papel da teoria e a importância dela para o conhecimento da realidade. Fazendo toda diferença na atitude do profissional debruçar-se sobre as demandas colocadas pelos usuários e escolha dos instrumentos e técnicas. Apontando para uma direção social, que implica na *dimensão política da intervenção profissional* (SANTOS, 2012, p. 33). Segundo Santos 2012 “a teoria

crítica trouxe enormes avanços para o Serviço Social como orientação teórico-metodológica” (p.31).

A teoria crítica e o uso do método, no estudo da realidade social possibilitam aos profissionais, identificarem nas demandas trazidas pelos usuários, conteúdos que são definidos pelas finalidades traçadas dentro do projeto ético político, respeitando os princípios e a concepção de mundo adotada pela categoria, segundo o referencial teórico que a norteia. Considerando o conhecimento como um processo, portanto, inacabado em movimento, expresso na relação sujeito/objeto. Ainda que o profissional tenha como ponto de partida o que é demandado pelos usuários e pela realidade concreta, sua intervenção de acordo com o método vai além do que é apresentado enquanto fenômeno, se aproximando das mediações ou das múltiplas determinações do concreto.

5-REFERÊNCIAS

BEHRING, Elaine Rossetti e BOSCHETTI, Ivanete. **Política Social: fundamentos e história**. 9ª. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

CARDOSO, Franci Gomes. O Serviço Social como totalidade histórica em movimento no Brasil contemporâneo. In. OLIVEIRA E SILVA, Maria Liduína de (Org.). **Serviço Social no Brasil: história de resistências e de ruptura como conservadorismo**. São Paulo: Cortez, 2016.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

IANNI, Octávio. **Construção da categoria**. [s.n.t., mimeo.] (Transcrição de aula no Curso de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUCSP, 1º semestre de 1986)

LUKÁCS, G. O Particular à luz do materialismo dialético **In: Introdução à uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade**. Tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.

_____. **Ontologia do Ser Social: Os princípios ontológicos fundamentais de MARX**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979 (Parte IV).

MARX, Karl. Introdução [à crítica da Economia Política]. In Marx, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (volume da coleção os Pensadores).

_____. Posfácio da 2ª edição. In: **O Capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 26ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **A Ideologia Alemã**. In: Fernandes, Florestan(Org.) Marx e Engels. São Paulo: Ática, 1989.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

_____. **Razão, ontologia e práxis**. Revista Serviço Social e Sociedade. nº44, ANO XV. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Cláudia Mônica; SOUZA FILHO, Rodrigues de; BACKX, Sheila. A dimensão técnico-operativa do Serviço Social: questões para reflexão. In: SANTOS, Cláudia Mônica; BACKX, Sheila; GUERRA, Yolanda (Orgs.). **A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos**. Juiz de Fora: Editora UFJF 2012. pp; 15-38.